



Entrevista

**Aldina Duarte, Maria do Rosário Pedreira
e Pedro Gonçalves**

Sou mesmo a carta fora do baralho”

Sem avisar, Maria do Rosário Pedreira desafiou Aldina para cantar um “Romance” que tinha escrito para ela. Sem avisar, Pedro Gonçalves aceitou produzir o disco. No processo de criação, sem avisar, nasceu um álbum duplo, “Romance(s)”, onde o mais evidente é a cumplicidade entre os três. E os três explicam porquê



POR ALEXANDRA CARITA

sempre acontece nos fados, daqui a um ano estou a cantar alguns muito melhor, mas há uma coisa que não sei se conseguirei fazer melhor. O que canto aqui é irrepitível e isso é bom. Gosto dessa sensação. Pela primeira vez aconteceu-me num álbum aquilo que acontece ao vivo. Isto é irrepitível e vale por aquele momento. Conseguir fazer isso num disco é uma grande conquista.

Gosta de se ouvir?

A.D. — Não, não gosto nada de me ouvir. Mas oiço o que está por trás, o que está por trás e o que faz um fado ser um fado. Melhor ou pior está ali. Aquilo que para mim torna os fados fados está ali. Já o que fiz no segundo disco não vou conseguir repetir, é andar para a frente.

Qual é a sua reação ao produto final, Pedro?

P.G. — Também sou sempre muito desconfiado. Gosto, mas de cada vez que oiço acho sempre que se fosse desta ou daquela maneira, era melhor.

E a Aldina como recorda a gravação?

A.D. — Parece que alguém me convidou para uma festa do caraças. Convidaram-me para uma festa linda e correu tudo como nunca. Foi aquilo que senti. Fui lá para cantar, só para cantar. Estavam lá umas pessoas a tratar de tudo e eu cantei.

Sente que há uma primeira e uma segunda parte da festa ou que há duas Aldinas no disco?

A.D. — Claro que há. Até tenho medo disso. A mim o que me safa é ter a minha casinha que é o Sr. Vinho. Isto porque, à medida que fui gravando o segundo disco, comecei a sentir aquela contaminação. É mesmo! O meu canto começava a ficar contaminado. E eu com medo. Ai meu Deus! Isto é uma provocação do ponto de vista musical. O disco destruiu a minha ordem toda. Ando há 20 anos a cantar fados, nunca cantei mais nada.

Mas a matéria é a mesma, ou não?

A.D. — É verdade que a matéria continua a ser a mesma, é o fado tradicional. Continuo apaixonada por isto. Não sei se algum dia vou sair daqui. Não tenho que sair. A Teresa de

Noronha e o Marceneiro também não saíram. Eu mesmo agora tive oportunidade de sair e saí desta maneira. Está cá a minha mochila com os fados tradicionais à mesma. Mas de repente fiquei sem saber onde é que estava.

A que é que se agarrou nessa altura?

A.D. — Aí já não fui nada profissional, mas não me importo. Agarrei-me à minha amizade pela Rosário e pelo Pedro. Fiquei muito baralhada. Já estava num estado que pedia à Maria da Fé [proprietária da casa de fados Sr. Vinho, onde Aldina atua todas as semanas] para me dar um abraço! E não sou nada disto, não sou nada de chorar, mas não sabia onde estava, era uma aflição. Isto foi uma grande revolução, basicamente. Tanto o disco do Pedro como o da Rosário, no qual não podia cantar fado a fado. Tinha que ter sempre em mente a história. Ou seja, tive que racionalizar muitas coisas que não era necessário se fosse um disco cantado fado a fado. Mas, enquanto tive que racionalizar, tive muito trabalho. Não me assustei, é verdade. Agora, quando me aparece o Pedro, perdi o chão. Mesmo. Muito honestamente, nunca fiz nada sem que me doesse no que respeita à criação. Nunca fugi da dor para criar. É o contrário, vou ao encontro

dela se for preciso. E desse ponto de vista senti-me à vontade.

E prazer?

A.D. — Há aqui um prazer extraordinário. Nunca ninguém cantou uma história em verso no fado tradicional.

E que distanciamento tem daquilo que faz?

A.D. — Total. Nunca misturo as coisas. Dou um exemplo. Fui casada com o Camané durante dez anos, não houve um concerto do Camané em que eu me lembrasse que ele era meu marido. Com os amigos acontece a mesma coisa. E só trabalho com os meus melhores amigos. Preciso desse amparo para poder fazer melhor.

O que é o melhor do fado?

A.D. — O melhor do fado é o melhor do jazz, é o melhor da pop, é o melhor do rock. É quando o registo está ali no ponto. Está lá o registo emocional e está ali a essência da música. Precisamente aquilo que não podemos perder. Depois logo se vê o que é que nasce.

Tudo nasce sempre de um entendimento?

A.D. — Sim. Sem dúvida. Há uma coisa muito importante que é — isto sem julgamentos de espécie alguma

— eu não poder trabalhar com uma pessoa que tem gostos que não se coadunam com os meus. Fico logo desconfiada, fico logo aflita. E correu muito mal das poucas vezes que arrisquei. Nunca fico contente com o que faço, acho que haveria alguém que o poderia fazer muito melhor. Não acredito no resultado. A música, os livros dessas pessoas têm que ter a ver com os meus.

Isso é uma condição?

A.D. — Sim. Temos que ter afinidades artísticas e temos mesmo que as ter senão não podemos criar juntos. Não sou capaz. O processo de criação e o momento de criação estão tão para lá de nós. Aquilo que criamos sabe muito mais sobre nós do que o que nós sabemos acerca daquilo que estamos a criar. A criação vem de sítios que não conhecemos mas tem que ser partilhada através de autores ou referências que são os nossos. Se no meio da feitura de um fado, alguém me refere um autor que eu detesto, é o suficiente para eu, como um caracol, me esconder e me fechar.

Já lhe aconteceu?

A.D. — Já. Um dia estava a fazer uma porcaria qualquer, que nem vou dizer o que era, fui para estúdio e deram-me uma referência que fez com



Sentir-me uma *outsider* não é mau. É o meu estado mais ou menos natural. É o meu papel preferido. Estive sempre um bocadinho dentro e fora”



que o caracol nunca mais saísse da casa. Ler os mesmos livros, ouvir as mesmas músicas conta muito.

O processo de interiorização da sua nova música foi o mesmo de sempre?

A.D. — Não. Esta é a primeira vez que me sento a ouvir um disco meu em casa. Oiço o *master* antes de ir para a fábrica, oiço a remasterização e quando está pronto vai para a gaveta. Só se precisar de voltar a memorizar as letras ou procurar alguma coisa boa que alguém me tenha dito que fiz em determinada interpretação é que os oiço outra vez. De resto, não toco nos discos, não reconheço o timbre da minha voz e isso é algo desconfortável.

Sente-se uma outsider?

A.D. — Para mim, sentir-me uma *outsider* não é mau. É o meu estado mais ou menos natural. É o meu papel preferido. Nunca tinha ido aos fados e comecei a cantar fado. Estive sempre um bocadinho dentro e fora. Sou assim, sou mesmo a carta fora do baralho.

Tem a certeza?

A.D. — Sim. Por exemplo, estou a ler a “A Carta de Lorde Chandos”, de Hugo von Hofmannsthal e a Patti Smith ao mesmo tempo. São dois autores e dois textos totalmente diferentes mas juntei-os aos dois. Uma coisa não tem a ver com a outra mas eu conjugo-as. Tenho sempre um pé em cada ramo. Neste caso, tinha começado a ler a Patti Smith mas depois comecei a comover-me de espanto, a comover-me com a carta, porque aquilo é de uma beleza extraordinária, de tal forma que é um livro que nunca mais vou pôr na estante, vai ficar comigo no quarto.

Há livros que nunca vão para a estante?

A.D. — Há, muitos. E muito diferentes. Sempre fui de misturar tudo e isso é que dá eu. É Chelas com os ricos, com os pobres... A minha vida é esta.

Uma vida de paixões, a da palavra a encabeçar a lista...

A.D. — Sem dúvida. Quem me tira a palavra, tira-me tudo.

E o trabalho?

A.D. — É difícil gostar mais de um

trabalho do que eu gosto do meu. Tenho um amor, nem é paixão, é um amor pelos fados, que não me ocorre mais nada. Nada na vida me fez sentir tão livre como ser fadista, nada, nada, nada! Não tem explicação. Mesmo que deixasse de cantar não deixava de ser fadista. Porém, não posso abrir mão daquilo que me tornou no que sou e que não tem nada a ver com o que faz parte dos fados habitualmente.

Fala de quê?

A.D. — Da minha música, dos meus livros, das minhas convicções políticas, da minha consciência social. Tudo isso faz parte e não é, de facto, partilhado no mundo do fado. Habitualmente as pessoas têm outras experiências, têm outros gostos. Mas essa solidão profissional acaba por ser ‘esquecida’ porque os fadistas são todas pessoas muito apaixonadas e basta. Mas cá fora já não basta.

É preciso o quê?

A.D. — Ter afinidades reais com as pessoas que nos rodeiam. Estar atenta aos outros. Não nos fecharmos numa bolha e nunca nos focarmos no nosso umbigo. É preciso tanta coisa. A alegria e a tristeza. A vida. O fado.

Há fados maus?

A.D. — Há. São terríveis. Colam-se-te à pele como uma lâ que pica.

Que música prefere?

A.D. — Adoro rap. É quase transformar a coisa mais essencial da palavra em música. E o fado é um pouco isso. Não conheço música portuguesa que ponha mais a excelência da palavra na música do que o fado.

Nada na vida me fez sentir tão livre como ser fadista. Mesmo que deixasse de cantar não deixava de ser fadista”

É a transposição das nossas conversas para a música. E é fiel. Como quando nós dizemos bom dia todos os dias e mais uma série de coisas que nunca estranhámos. De repente, chegamos ao fado e quando acertamos nessas coisas de todos os dias, podemos cantar a vida toda como quem vai à padaria comprar o pão. Parece que nascemos a cantar ou coisa parecida.

O Pedro para compor foi ouvir fado?

P.G. — Não. Uma coisa que tinha decidido era não ouvir fado. Ouvi P.J. Harvey, Nick Cave e Leonard Cohen, música erudita também. E fi-lo porque queria criar ambientes, não queria criar música propriamente dita. Queria criar para cada história uma sonoridade. Acho que quando há uma história detrás, a música só deve servir o seu argumento. Não é fazer uma música brilhante e colar a letra por cima. Não dá. Temos que servir a história e a voz.

Neste “Romance(s)” o fado é diferente, no entanto?

A.D. — Muito diferente: “Fiz pataniscas, temperei as iscas...” Canto palavras que nunca imaginei vir a cantar num fado. Mas não fui eu quem inventou isto. Há quem já tenha feito isto muito melhor do que eu. A Hermínia Silva, por exemplo. Ela tinha uma musicalidade rara, que pegava nas frases mais bizarras e transformava-as em música extraordinária. E não foi a única. A história do fado diz-nos isso com nitidez.

Como é que escreve para fado?

M.R.P. — Sou muito metódica. Primeiro faço a versão que mais gosto e depois tenho uma folha de alternativas para poder mudar todos os versos. Isto porque na segunda vez que escrevi para a Aldina, tinha escrito uma letra muito bonita que dizia qualquer coisa como “guiar-te pela rota mais bela”. E ela disse-me de caras que rota não se dizia no fado. Portanto, desde aí aprendi que há coisas que podem ser lindas escritas e lidas e péssimas se cantadas.

A Hermínia, de quem falava há pouco, foi uma ajuda, Aldina?

A.D. — Uma grande ajuda. Ouvia-a de trás para a frente. O Marceneiro também, num tema do Linhares Barbosa que se chama ‘Remorso’, uma obra-prima do fado. Se o Marceneiro canta um assasino, eu também vou ser capaz de cantar uma quadrilheira. Alguma coisa dele me há de ficar para que o consiga fazer. Isto tudo para dizer que não descobri a pólvora, mas que isto é tudo novo é para mim.

Há fado novo?

A.D. — Não creio. No fado dificilmente, e isto não é falsa modestia, alguém irá fazer qualquer coisa de novo nos próximos cem anos. E quem quiser estar nisso com verdade e com gosto tem que o aceitar. Todos os dias morrem e nascem pessoas e isso não torna a vida menos interessante. Torna a vida até mais misteriosa. Isso é o fado. ●

acarita@expresso.impresa.pt

SOLIDÃO Aldina Duarte diz que precisava de cumplicidades para continuar a gravar. Sozinha ficar-se-ia pela casa de fados



ANTÓNIO PEDRO FERREIRA



FESTA A fadista recorda a gravação de "Romance(s)" como uma festa para a qual a convidaram e onde chegou e só teve que cantar. Tudo o resto já tinha sido tratado

ANTÓNIO PEDRO FERREIRA

É

uma mulher feliz que encontramos às portas do Chiado. Acabada de chegar de Macau, Aldina exhibe a sua nostalgia natural com um brilho nos olhos e um sorriso de gaiata. Está encantada, senão mesmo apaixonada, ela que é uma mulher de paixões, pelo disco que acaba de lançar, um álbum duplo produzido por Pedro Gonçalves dos Dead Combo e com letra de Maria do Rosário Pedreira. Os dois amigos que a acompanham nesta entrevista para contar a aventura do novo trabalho. É um conceito completamente novo aquele que faz Aldina voltar a estúdio. A fadista vai pela primeira vez cantar às cegas e pela primeira vez não domina por completo a feitura do álbum. “Romance(s)” é uma história com princípio, meio e fim, um verdadeiro argumento de uma ficção que a fadista terá que interpretar de duas maneiras diferentes, primeiro com o canto em que nos habituámos a ouvi-la, depois entre ambientes e tensões sonoras criadas para a própria história e para a sua voz. Ela, sem falsa modéstia, diz que se perdeu. Mas foi de corpo e alma que se entregou nas mãos dos tais amigos, aqueles sem os quais não consegue trabalhar. Esqueceu-se de cantar e reaprendeu outra vez. Percorreu caminhos sem destino traçado, aventurou-se por mares que nunca dantes navegara. Pediu ajuda e recebeu-a. Prepara-se agora para partilhar tudo com o público. Sem preconceitos nem medos. Mesmo que erre terá ganho a experiência. Honesta, Aldina Duarte parte para mais longe do fado, mas carrega-o sempre na mochila que não larga. *Outsider*, como se define, vai juntando peças de um *puzzle* que não tem que se completar. O mesmo *puzzle* que a sua vida é, aninhada nos livros e nos discos, no empenhamento social e nas

convicções políticas, o seu pé de fora do fado. Corre o risco da incompreensão. Não lhe interessa. Terá sempre o refúgio da casa de fados.

O que queria fazer com mais um disco?

Aldina Duarte — Pela primeira vez, não queria fazer nada. Sou sempre eu que faço tudo. Sou sempre eu que escrevo, sou sempre eu que gravo, sou editora... Invento os conceitos dos discos e por aí adiante. Desta vez não queria fazer nada e explico porquê. Nunca fui muito minha amiga como artista. Não tenho segurança. A segurança que faz parte da minha personalidade não corresponde à minha segurança artística, essa não a tenho e já percebi que nunca a vou ter. Então pus as coisas neste pé: ou o que faço merece os encontros de que preciso para avançar ou então já não tenho nada para fazer. Vou ficar na casa de fados, onde me sinto muito bem, a fazer o meu fado e estou-me borrifando para os discos.

E aconteceu o encontro?

A.D. — Eu andava a tomar grandes decisões e com grandes dúvidas existenciais e artísticas. Honestamente percebi que nunca seria uma artista segura e que nada é tão mau, à exceção do Salazar, que possa durar tanto tempo e ter gente a gostar dele. Isto para dizer que o nascimento deste disco foi uma coisa muito íntima e que me fez perceber que este é o meu caminho e que mereço

usufruir destes encontros. Agora, tem de ser de maneira diferente, não posso continuar a fazer tudo sozinha, senão não tenho muito mais para onde crescer.

Como é que chegou ao Pedro Gonçalves e à Maria do Rosário Pedreira?

A.D. — Ao contrário de mim, que programo tudo e desenho tudo para a minha vida, eles chegaram sem avisar. A vida tem destas coisas. E eu tenho um gosto muito grande em viver, independentemente das injustiças e de tudo o mais, das tragédias e de tudo o que há para aí. Não confundo isso com a vida. Não gosto de algumas coisas que fazem parte da vida mas nunca ponho em causa não gostar da vida. Ela surpreende-me sempre, e ainda bem, senão isto era tudo muito pouquinho. O que aconteceu foi vir a Rosário assim do nada: “Olha, tive uma ideia, se eu escrevesse uma história com princípio meio e fim, um romance que tu cantarias, já fizeste os contos de fadas...” Era a Rosário a pensar por mim sobre aquilo que no passado era sempre eu a fazer. E disse-lhe que sim.

Foi a amizade a falar alto?

A.D. — Não sei. O que sei é que não posso ser amiga de uma pessoa que não gosta de me ouvir cantar, mesmo que até concorde com ela, mas a partir do momento em que assumi que este era o meu caminho e que devia e podia ser feliz a percorrê-lo

tal como outra pessoa qualquer, tive que perder essas amizades. E é uma coisa dura, doeu-me a sério. Foi um dolor que integrei. Mas já não consigo amar uma pessoa que não goste de me ouvir cantar. Porque me tornei naquilo que faço.

Rosário, já sabia que história ia contar?

Maria do Rosário Pedreira — Não tinha a ideia toda na cabeça, mas por ser para a Aldina obviamente que tinha que ser uma história de amor. Acho que a maior afinidade que existe entre nós é a literatura e, portanto, sempre achei que a Aldina podia cantar um romance, uma história com princípio, meio e fim, como se de um livro se tratasse.

E tinha que ser uma história com duas mulheres e um homem?

M.R.P. — Não, nem estava pensada para ser um triângulo amoroso. Estava pensada para ser uma história de amor, que objetivamente tinha que estar de acordo com o que a Aldina canta. Mas não um amor feliz. Teria que ser um amor mais trágico, mais funesto. E, sinceramente, uma história só com dois protagonistas ficava pobrezinha. É como quando vou às escolas contar histórias, tem que haver sempre uma personagem má, senão a história não tem graça. Então, a primeira ideia foi criar à narradora uma sombra. Neste caso uma outra mulher que viesse trazer todos os indícios de dramas e de tragédias.

“

Não posso ser amiga de uma pessoa que não gosta de me ouvir cantar, mesmo que até concorde com ela”



CUMPLICIDADE

"Temos que ter afinidades artísticas e temos mesmo que as ter, senão não podemos criar juntos", diz Aldina Duarte referindo-se aos amigos Maria do Rosário Pedreira e Pedro Gonçalves



O melhor do fado é o melhor do jazz, é o melhor da pop, é o melhor do rock. É quando o registo está ali, no ponto”

Mas por acaso, à medida que fomos construindo a história e os seus vários capítulos, percebemos que não devia ser a tal amávia, como se dizia antigamente, que deveria ser castigada, deveria ser o homem o punido, porque ele é que pôs o pé em ramo verde. Depois ainda veio o George Cooper, a quem roubámos o final, no qual a amizade vence o amor e faz com que as duas mulheres voltem a ser amigas.

E o Pedro Gonçalves, como o encontrou?

A.D. — O Pedro Gonçalves aparece por intermédio da Paula Homem (promotora de Aldina), que é uma das mulheres da minha vida, que me sugeriu que fosse ele a fazer e a produzir o disco. Estava eu a pensar que já não ia fazer mais nada, que já chegava de discos... Mas deixei que acontecesse. Seja o que Deus quiser, pensei. Mas desconfiada. O rapaz não vai aceitar uma coisa destas, já está num projeto tão bem-sucedido, se calhar nunca me ouviu cantar. Mas a Paula replicou a dizer que depois de eu me encontrar com ele ia perceber que ela tinha razão. E tinha. De facto, tinha. Dei-lhe liberdade total e ele decidiu fazer dois discos, um de fado puro e duro e outro a banda sonora do romance que a Rosário já tinha escrito.

Foi mesmo assim, Pedro?

Pedro Gonçalves — Recebi um e-mail da Paula Homem a convidar-me para o projeto e pensei que ela se tinha enganado, que aquele convite não era para mim. Quando percebi que era a sério pensei que não era capaz de o fazer. Não percebia nem percebo nada de fado. Fiquei mesmo à rasca!

Aceitou o convite mesmo sem saber o que ia fazer?

P.G. — Sim. Já conhecia o trabalho da Aldina, gostava de a ouvir, admirava-a mesmo. Então encontrámo-nos aqui no Chiado e fiquei com a sensação de que era uma honra.

E a Aldina continuou desconfiada?

A.D. — Não. O que eu sabia era que tudo o que viesse do Pedro era bom. Isso é uma grande arrogância da minha parte. Sei que quando sinto o que

sinto sobre um trabalho de alguém é porque vale a pena atirar-me para a frente que só vou sair a ganhar. Nem que a coisa falhe. Nem que tu erres, vais sair melhor da experiência, ela vai-te dar qualquer coisa a mais.

E depois dos encontros percebeu o que queria do disco?

A.D. — Tenho a certeza de que a última coisa que me interessa neste disco é afirmar o que quer que seja. Este disco para mim é quase salvífico. É um 'bora lá. É a resposta à pergunta: o que é que queres fazer agora que já chegaste aqui, queres continuar ou ficar em casa? O que é que é verdade para ti? Respondi que não queria ficar sozinha. Foi só o que quis.

Pedro, como surgiu a ideia de um disco duplo?

P.G. — Comecei por ouvir todos os discos de fado que se andavam a fazer por aí e o que me fez grande confusão foi agarrar o fado e transformá-lo em qualquer coisa que já não é fado mas também não é nada. Criam-se seres híbridos e o trabalho fica sempre foleiro e piroso, acho. Eu de início não conseguia sequer imaginar a ideia de mexer no fado. Andava a pensar nisto e a pensar e a pensar. Até que fui falar com a minha mulher, Ainhoa, e ela respondeu-me: “Então faz dois discos, um de fado e outro onde fazes aquilo que quiseres.” Assim já não tive o problema de estar a mexer no fado.

Como é que achou que poderia ser contada esta história em jeito de banda sonora?

P.G. — Cheguei lá de uma forma

muito orgânica e muito pouco pensada. Gravámos primeiro o disco de fado e depois andei imenso tempo sem conseguir fazer nada. Até parece estupidez. Mas andava a ouvir as músicas e a cantá-las. No fundo o que tento fazer é desenhar um quadro sonoro para cada música.

Não teve que se agarrar à métrica do fado pelo menos, como a Maria do Rosário...

M.R.P. — A métrica às vezes também é um apoio, ou seja, ele tem que criar do zero e eu sei onde é que meto as palavras. Tenho uma medida, o que é mais confortável. Mas a Aldina exigiu muito de mim. Quis que fizéssemos todos os tipos de fados tradicionais.

Concorda Pedro?

P.G. — No meu caso houve uma espécie de clique. Mas antes disso estava com muito medo também. Admirava tanto o trabalho da Aldina. Tinha medo de estragar a carreira dela.

Só a Maria do Rosário é que não tinha medo?

M.R.P. — Não, não estava com medo. Acho que a criatividade é sempre amiga de melhorar alguma coisa.

Aldina, como é que se organizou para algo completamente novo?

A.D. — A minha forma de cantar, o meu balanço rítmico não funcionava naquele registo. Tinha feito uma interpretação daqueles temas que não servia para aquele registo escolhido pelo Pedro Gonçalves. Ali estava a cantar uma história completamente de cor. Foi isso que me sugeriu o ambiente do Pedro. Agora já não fazes

parte desta história, alguém ta contou, e agora tu vais contá-la a outras pessoas. Este foi o processo que criei cá dentro para me orientar. E foi muito duro. O Pedro queria quase tudo ao contrário daquilo que eu fazia no primeiro disco, o de fado, onde estou como um peixinho na água. Não sabia sequer o que é que aquilo queria dizer. “Canta ao contrário do que tu cantas.” O que é isso? É quase contorcionismo. Fui para casa esquecer-me das músicas. Basicamente, foi esquecer-me de cantar.

Mas está lá a sua voz, bem nítida.

A.D. — Não pensei em cantar, pensei que estava a contar uma história em voz alta. Quanto mais eu me esquecesse de cantar, mais chegávamos à conclusão de que a música ganhava, que as letras ganhavam e que nos encontrávamos.

E nas personagens entrou melhor?

A.D. — Não. Estava a fazer duas coisas difíceis e que me eram também estranhas — cantar ao contrário e cantar personagens que abomino. E não posso transmitir essa minha repulsa. Tenho que ser essa personagem. Abomino a quadrillice, nem sequer sei brincar à quadrillice. Há pessoas que conseguem, gostam de brincar à má língua, eu não. Associo a quadrillice a coisas sinistras.

Há aí um trabalho de atriz também?

A.D. — Não sei. Ainda não digeri isso. Ainda no outro dia estava a conversar com um amigo e dizia que este disco em relação aos outros tem uma coisa muito boa para mim enquanto intérprete. É evidente que, provavelmente, como